

# O ESPECTRO

LISBOA  
6 mezes..... 250  
Administração, Rua de D.  
Pedro V, 1 a 3.

SEMANARIO POLITICO

PROVINCIAS  
6 mezes..... 320  
Administração, Rua de D.  
Pedro V, 1 a 3.

Biblioteca Municipal de Lisboa  
Direcção Municipal de Cultura  
Departamento de Acção Cultural  
Divisão de Registo de Publicações  
Câmara Municipal de Lisboa

## ALERTA

Os mais elevados *funcionarios* da *regie* dos tabacos pediram a exoneração dos altos logares que occupavam.

Os dois vogaes eleitos pelas camaras aguardam a reunião d'estas para lhe entregarem egualmente a propria demissão.

O sr. conde de Castro é um cavalheiro dos mais respeitaveis do partido progressista, e um dos nobres e raros caracteres d'esta terra, que põe a honra do seu nome acima de tudo.

Por outro lado é s. ex.<sup>a</sup> um partidario dedicado, que tem posto o valor do seu nome ao serviço do seu partido, quem sabe quantas vezes com que pesar e sacrificio.

Mas d'esta vez os factos foram de tal ordem, o escandalo affrontava com tal repugnancia o caracter do presidente da administração dos tabacos, que não valeram rogativas, nem empenhos, nem considerações politicas de qualquer especie, para retardarem sequer a sua resolução.

Em quanto se não vio livre d'aquillo tudo não descansou.

O logar é dos mais rendosos, a posição das mais elevadas.

Não era um senhor de *barão* e *cutello* como no tempo do antigo monopolio; mas todos comprehendem que era logar das maiores dependencias, e por isso de grande consideração.

O nobre conde não quiz saber d'isso, e deo a sua demissão.

Porque foi? Que mysteriosos acontecimentos se deram n'aquella *espelunca* chamada a *regie*, para que, volvidos apenas 4 ou 5 mezes da sua organização, a administração se veja forçada a dar a sua demissão em massa?

Porque foi que aquella corporação, *toda progressista*, e que ao ministro da fazenda devia as rendosas *conesias* que occupava lh'as devolveu pouco depois?

Sabe-se com que empenho alguns dos demissionarios as solicitaram.

Nada d'isto obistou, a que, passados 5 mezes, as restituíssem ao ministro doador.

Houve por tanto um grave acontecimento que os determinou áquella resolução; acontecimento cuja natureza e alcance a dedicação partidaria levou ainda os demissionarios a guardar em segredo.

Em qualquer outro paiz o segredo estaria já desvendado.

Mesmo em Portugal, se o desgraçado não atravessasse uma epoca preñhe de successivos escandalos, que o trazem verdadeiramente assombrado, mesmo cá, a opinião publica teria exigido do governo *ca-*thegoricas explicações.

Mas não exige, apenas se limita ao assombro.

Pois havemos de nós exigil-o, ou antes, havemos de explical-o.

Em primeiro logar sabe toda a gente que as *grandes postas* da *regie* mereceram ao sr. Marianno de Carvalho o mais aturado estudo.

Dedicara-lhe desde o principio, **particularissimos cuidados**; tratava-as com solicitude verdadeiramente paternal. Eram e são ainda uma das **suas maiores esperanças**.

Porquê?

Porque no *plano*, ou na *rede* em que a perversidade politica d'este nefasto homem publico, anda envolvendo o paiz, os *altos cargos* da *regie* são do mais vasto alcance.

Quando o sr. conde de Castro aceitou o logar — fazemos justiça á nobreza do seu caracter — ainda não sabia que papel lhe destinava o sr. Marianno.

Logo que o soube, ou que o comprehendeo, ou que o *palpitou*, porque dizem que o sr. Marianno não chegou a explicar-se, mas apenas a **descubrir-se**, demittio-se

Honra lhe seja. Mas não basta só isso.

Se a *coisa* se parece — e bastam parecenças — com o que por ahi se diz á bocca pequena, mesmo entre progressistas honrados, o sr. conde de Castro tem rigorosa obrigação de dizer ao paiz ou á camara, onde tem assento, que motivos lhe impozeram tão grave resolução.

A' camara, repetimos, se a consciencia lhe diz que não são urgentissimas, isto é, que a patria não corre perigo.

E como a camara só d'aqui a 20 dias é que entra a funcionar, contaremos nós em duas palavras o que corre nos altos circulos politicos.

O sr. Marianno tem um **plano politico**, ha muito premeditado, discutido e combinado.

Não o classificaremos n'este momento.

Com uma palavra só definiu-o ia mos claramente em todo o seu pavoroso alcance. E o paiz ouvindo-o assombrado, saberia perfeitamente para onde vai, para onde o leva a **politica negra** de um homem, porventura fadado para o perder.

Isto não é um d'esses *trucs* mais ou menos estafados para despertar a attenção publica; é o fru-

cto da observação dos factos, alumiaados pelo clarão d'aquelle sinistro caracter politico.

... O sr. Marianno era partidario do monopolio. A attitudo do paiz fel-o recuar, e a *vigilancia* do sr. José Luciano empurrou-o até á *regie*.

O sr. Marianno porém vive com a *regie* como um gato dentro d'agua.

Por isso os serviços d'aquella administração confundem-se n'um verdadeiro cahos, do qual espera elle surgirá a luz do **monopolio**, se o paiz antes d'isso o não inutilisar, se lhe não fizer o mesmo que a historia, em casos analogos, conta ter sido já feito a outros sujeitos da sua laia.

O imperio do monopolio não se lhes despega das entranhas: e não podendo construir por em quanto o seu *dilecto*, trata de construir o outro que o prepara, que é meio caminho andado -- o do fornecimento dos tabacos em Cuba.

Nenhum tabaco da especie monopolisada (depois virão as outras) poderá entrar em Portugal senão vinde de Cuba do *fornecedor*... do estado, do contratador hespanhol.

O governo de Hespanha favorece a operação, que conta tambem com o auxilio e influencia de grandes personagens d'aquella nação.

O *Diario Popular* desmentio a parte conhecida d'esta operação bem combinada?

E' a prova da sua veracidade. Demonstração. Os desmentidos d'esta folha sobre o arresto do emprestimo dos 6:000 contos pelos portadores do emprestimo de D. Miguel.

Qual é o fim do sr. Marianno?

Lembram-se de ouvirem dizer a toda a imprensa, que ha dois annos saio de Santa Apollonia um comboyo relampago, levando apenas uma carruagem salão, dentro da qual iam, de cortinas corridas, apenas **tres personagens**, um dos quaes era o sr. Marianno?

Recordam-se que estes personagens, que voltaram tambem mysteriosamente, celebraram uma conferencia em Hespanha com grandes vultos politicos d'aquella nação?

O que ali se passou, o que ali ficou assentado sobre tabacos entre as duas nações, sabem-n'o elles só.

Mas a saida do sr. conde de Castro que não quiz arcar com a politica tenebrosa do sr. Marianno e a entrada do sr. Oliveira Martins que tem opiniões definidas contra o *zohverein* entre as duas nações ainda que o seu objectivo se limite exclusivamente ás relações commerciaes de tabacos, levantam uma pontinha do veo que encobre os intuitos do sr. Marianno.

Sr. ministro do reino, talvez a **vigilancia** do sr. Oliveira Martins não baste.

A'lerta, que o assumpto é gravissimo.

## Ainda o arresto do emprestimo dos 6 mil contos

São... tudo: principalmente cynicos.

Agora deram em caçoar com a opposição, porque já não falla nos 6 mil contos, embargados á

ordem dos portadores dos titulos do emprestimo de D. Miguel.

Não falla todos os dias, porque os escandalos atropellam-se, porque a pobre opposição não sabe para que lado ha-de voltar-se, atacada em toda a linha pela repetição dos maiores attentados.

Mas se é preciso dar ajuda n'este desaforo alguns toques, para avivar melhor a memoria do paiz, ameaçado de perder aquella enorme quantia, não temos duvida -- pela parte que nos respeita -- em repetir que o **roubo** está ainda sob as garras dos que combinaram com o sr. Marianno de Carvalho, em conciliabulos secretos, uma *operação qualquer*, que tanto os satisfez que até hoje -- vai em dois annos -- ninguem lhes ouviu a mais pequena queixa contra elle; antes pelo contrario, em sendo preciso, saem á estacada a defendel-o, como já tem feito.

Que o paiz está pagando cerca de **dois contos de réis por dia** que a tanto monta o juro do emprestimo arrecadado.

Que este prejuizo se traduz já em mais de 100 contos, que o paiz perderá infallivelmente, caso, não provavel, de que os portadores diffiram para outra occasião, a conclusão da operação que tão bem tinham **combinado**.

Ha mais de 15 dias que o sr. José Luciano prometteu restituir ao paiz os 6 mil contos roubados. E ha 15 dias que em vez de dinheiro, tem vindo de França umas epistolas explicativas que não valem um pataco, mas que dizem muito claramente, que o dinheiro não sairá dos cofres do banco depositario, sem o governo lá deixar o **seu equipamento**.

—Saem aquelles 6 mil contos, se o governo lá metter outros. E' o que elles querem dizer na sua.

N'este pé está o **negocio**, por tanto, continuamos roubados.

E o sr. Marianno a rir-se; porque está dizendo para os seus botões isto é, para os seus Mosers:

—O meu compromisso com o paiz é que emquanto eu fôr ministro, os portadores do emprestimo de D. Miguel não apanham vintem

**Se eu o cumprir tudo se salva.**

Pois talvez se engane. Talvez nem tudo se salve, se o paiz apanhar os **malandros** a tempo de lhe fazer justiça.

## Questão do Gaz

Reuniu segunda feira a assembléa geral da antiga companhia do Gaz.

Segundo nos consta, o sr. Marianno de Carvalho não assistiu a assembléa geral, não preparou bem a sessão para poder apresentar a sua proposta da fusão das duas companhias, reserva para mais tarde esta *mariolada* propria do seu caracter, isto é, se os accionistas estiverem resolvidos a seguir os seus conselhos de raposa *matreira* para lhe metterem nos bolsinhos a importante somma de 150 contos em luvas.

Para o nosso proximo numero desfiaremos melhor a sessão da assembléa geral da Companhia do Gaz.

## Abaixo os syndicatos! Abaixo os ladrões!

Estão organizados mais dois grandes syndicatos, que dividirão entre si o paiz vinhateiro.

O syndicato representado pelo sr. Pestana, que já assignou escriptura com o sr. ministro das obras publicas — explorará todo o norte do paiz.

O outro, já organizado, tem, para campo da sua exploração, todo o sul do paiz.

O primeiro, como se lhe não chegasse a enorme fortuna que o governo lhe entrega de mão beijada, chegou a apanhar 75 contos, de auxilio para as suas proezas.

Eis a vida d'este **infamissimo governo**:

Distribuir o paiz em postas pelos syndicatos, se o ajudarem a viver.

Estamos pois nas garras dos nossos maiores inimigos.

Atamos ao pescoço uma corda passada por um nó corredio, e entregamol-a a um **bando de malfetores**, que ha muito nos trazia de olho a fortuna, ou os haveres.

Que esperamos, se por qualquer meio não libertarmos a vida, que a questão é de vida ou de morte — do perigo iminente que para todos corre?

Porque esperamos? Que a **ruina** seja completa?

Estes malvados não-de infallivelmente perdermos, se o paiz senão desembaraçar d'elles, antes de dois mezes.

Está escripto, como dizia um mussulmano, vendo aproximar os factos, sem resistencia, inflexivelmente.

Antes de pouco tempo terão aniquilado a riqueza do paiz, **esmagando** o seu commercio, a sua industria e a sua **agricultura** entre as engrenagens dos monopolios, e a voracidade e ambição dos syndicatos, que se vão espalhando e desenvolvendo pelo paiz como uma epidemia.

O **malvados**, o que esperais que faça o paiz, quando toda a sua riqueza estiver nas mãos dos syndicatos?

Como ha-de cada um ganhar a sua vida, quando os syndicatos monopolisarem todo o trabalho, todos os serviços da industria?

Quando não houver trigo senão nos celleiros do syndicato das moagens, por que preço ha-de o pobre comer o pão?

Quando não houver vinho senão nas adegas dos syndicatos do norte e do sul do paiz, por que preço o ha-de beber o pobre povo, e farto de trabalhar para tanto **ladrão**?

Quando a produção nacional cair toda nas arcas dos syndicatos que se estão organisando por toda a parte, que esperais vós que o povo faça, **ó malvados**, que pareceis animados do infamissimo proposito de o perder pelo desespero?

Quereis acaso que o povo emigre em massa como antigas tribus **slavas**, para deixar o paiz entregue á voracidade dos abutres?

E' esse o vosso fim? Pois que o povo se organise em exercitos, e armado até aos dentes, deffenda os seus haveres á **bala**. E' o seu direito; mais ainda: é a sua obrigação.

Uma vez que a opposição não tem força para o deffender d'esta **quadrilha de ladrões**, deffenda-se elle.

## MAIS UMA PATIFARIA

O presidente da camara municipal de Lisboa ouvindo tocar a **saque geral**, mandou destroçar o seu regimento recommendando-lhe que ninguem voltasse sem trazer a melhor pasta do corpo do municipio.

Na repartição de limpeza a raza foi geral, chegou a nomear para ver se as ruas de Lisboa estão varridas, nem menos que um **engenheiro** com **900\$000 réis** de ordenado e varias propinas. O que o povo manda fazer em casa por um creado, manda fazer o sr. Palha por um engenheiro.

O chefe d'este syndicato, isto é o director da repartição de limpeza, que tinha por grande favor 480\$000 reis, passa a ter, sabes quanto ó miseró habitante d'esta pobre Lisboa!!!

**O director da repartição de limpeza passa a ter para clima de 1:500\$000!!! Mais que um conselheiro do Tribunal de Contas!!!**

**Mais do que um juiz do Supremo Tribunal de Justiça!!!** cargo dos mais eminentes do paiz, ao qual só chegam velhos encanecidos no serviço publico, com largos e difficilimas habilitações.

E aqui tem os eleitores de Lisboa os resultados da boa administração d'este chefe de syndicato.

**Rua, rua, esbanjadores.**

## Santa Apollonia Nossa Senhora

Sabem como correm os serviços n'aquelle estado independente chamado Santa Apollonia?

Com uma presteza, que torna completamente desnecessarios quantos melhoramentos possa a sciencia imaginar para apressar ainda mais o movimento dos comboys.

Falla-se em que para o anno de 1889 se realisarão em Paris umas experiencias, que tem por fim verificar a possibilidade d'uma marcha de 400 kilometros por hora! Em meia hora 200 kilometros.

Pois no dia 4 d'este mez foi despachado n'uma estação que fica a menos de 210 kilometros de Lisboa, um vagão de mercadorias que vem para a capital e a guia do despacho declara que só depois do dia 19 é que chegará ao seu destino!

E' espantoso.

Para andar 210 kilometros, mais de 15 dias!

Quanto mais rapido não era o bello churrião de outros tempos.

Aqui está como se protege a agricultura e o commercio.

E os lavradores que paguem de cara alegre os tributos que os desperdícios progressistas lhe exigirem, que o que se quer nos cofres publicos é dinheiro, mais dinheiro, muito dinheiro.

A quem se hade o povo queixar d'esta enorme patifaria, que até saudades lhe está fazendo das carroças de Torres, ou das carretas do Alemtejo?

A' companhia, se é ella que faz o mal?

Ao governo? Mas o sr. Mariano que é o **tudo-lo-manda** d'estes reinos e conquistas, é o chefe d'aquelle estado?

E' soffrer e calar, até que Deus queira.

## União Agricola Portugueza

A falta de espaço obriga-nos a não podermos tratar dos inconvenientes que esta companhia traz ao paiz, e da protecção escandalosa e infame que o governo lhe dá. Trataremos d'esta questão no proximo numero.

## SECÇÃO BANCARIA

(Continuação)

### Ainda o Banco Cooperativo Commercial

Este Banco obrigou se para com o publico como o Banco de Portugal se obriga ainda: porém, o Banco Cooperativo deu mais segurança na distribuição das suas cedulas, que dizem no verso, o seguinte:

«A Direcção do Banco substitue cada grupo de 20\$000 rs. nominaes de Cedulas por uma Obrigação Beneficiaria d'igual valor. As obrigações que substituem cada série de mil contos de rs. de Cedulas emitidas serão por sorteio annual reembolsadas ao par em amortisações antecipadas ao praso obrigatorio pelo modo determinado em o n.º 3, do art. 4.º e § 1.º do art. 21.º dos Estatutos; e serão garantia d'emprestimo no Banco, que as compra pelo preço proporcional ao vencimento, ou as troca por Titulo Cooperativo pago por uma vez em praso combinado. *Os compromissos do Banco são previamente garantidos em depositos de inscrições de assentamento ou de Obrigações da Companhia de Credito Predial na Caixa Geral de Depositos, conforme a auctorisação concedida pela Junta do Credito Publico e pelo fundo de reserva marcado no dito art. 21.º (Vide Diario do Governo com a data abaixo mencionada).*

Lisboa, 18 de Junho de 1884.

Os directores

Ora pelo que vae sublinhado se vê que não podendo o Banco continuar as suas operações pelo

pouco acolhimento do publico ou por outro qualquer motivo liquidaria deixando n'este caso ainda para alguns possuidores d'estes titulos a garantia do seu importe para o que tinha um deposito que não poderia ser levantado senão por pagamento aos portadores dos mesmos titulos. Enquanto que o Banco de Portugal se limita a tomar sobre si só a responsabilidade das notas que distribue sem que apresente ao portador, em caso de quebra, outra garantia.

Porque se não cumpriu então á risca as vantagens apregoadas e assignadas por dois Directores ou porque se não deu satisfação ao publico durante 4 annos de demora ou paralyzação das funcções do Banco?

Liquidaria já o Banco? E quando assim fosse para que serviu então a garantia á responsabilidade d'um estabelecimento do governo?

Seria esse deposito infamemente roubado (como foi) e roubado tambem o publico? Quem foi o ladrão que tão astuciosamente assim manchou uma corporação de nomes honrados como os dos Srs. accionistas a ella ligados? Quem foi e o que se lhe fez?

Os Srs. accionistas não autorisaram o levantamento como já dissemos, mas estão ainda responsaveis para com o publico (commerciantes, negociantes e fornecedores) possuidor de cedulas ao seu devido e obrigatorio pagamento conforme se obrigam dois Directores por elles eleitos.

Quem é que está hoje na Direcção que responda por estes actos? Sim, quem é que tão corajosamente, quer continuar a illudir o povo com recentes annuncios?

*Povo*, prestai bem attenção que esses annuncios não veem assignados e que elles o não podem ser pois que a assembléa ainda não foi convocada para eleger membros da Direcção e que por este motivo não tem valor os annuncios.

Estes annuncios dizem que o Banco empresta sobre penhores e papeis de credito.

O artigo dos Estatutos dizem que o banco fará todas as operações proprias dos estabelecimentos bancarios e todas aquellas que possam produzir ao capital mutuante a maxima garantia, ficando elles porém dependentes da *resolução da assembléa geral* sob proposta da direcção approvada pelo conselho fiscal.

Ora a assembléa geral ainda não foi ouvida n'esta questão e então é sem responsabilidade do capital dos srs. accionistas que estas operações se realisam e sem seriedade alguma para os clientes.

E' preciso quanto antes pôr cobro a esta torpe especulação e pedir severas contas a quem de direito as tiver de dar.

Quanto a nós, não tememos o ser desmentidos, por isso que temos a maxima certeza de que ninguém será capaz de nos apresentar as actas das assembléas geraes devidamente assignadas que nos demonstrem o contrario.

Continúa.